



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/10/2017 a 12/10/2017

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/10/2017	9,72	315,00	32,71	4,43	3,50
09/10/2017	9,66	311,50	33,02	4,36	3,49
10/10/2017	9,66	312,50	32,86	4,35	3,49
11/10/2017	9,65	311,20	32,91	4,33	3,46
12/10/2017	9,92	322,70	33,07	4,30	3,49
Média	9,72	314,58	32,91	4,35	3,49

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	66,38	0,19
RS - Santa Rosa	66,13	0,88
RS - Ijuí	66,13	0,88
PR - Cascavel	65,63	0,73
MT - Rondonópolis	62,38	1,26
MS - Ponta Porá	62,13	1,84
GO - Rio Verde (CIF)	63,25	1,69
BA - Barreiras (CIF)	62,13	1,35
MILHO		
Argentina (FOB)**	149,00	-0,27
Paraguai (FOB)**	112,50	0,00
Paraguai (CIF)**	154,75	1,14
RS - Erechim	31,38	2,37
SC - Chapecó	31,00	-1,27
PR - Cascavel	27,06	2,12
PR - Maringá	25,75	0,59
MT - Rondonópolis	20,20	-1,17
MS - Dourados	22,63	0,33
SP - Mogiana	27,00	2,86
SP - Campinas (CIF)	31,63	5,80
GO - Goiânia	25,75	0,59
MG - Uberlândia	28,50	-1,04
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	570,00	-2,06
RS - Santa Rosa	570,00	-2,06
PR - Maringá	590,00	0,00
PR - Cascavel	600,00	0,00

Período entre 06/10/2017 a 12/10/17

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra no dia 04/10/2017.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/10/2017

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	25,34	61,08	30,07

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/10/2017

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	36,74
Feijão (saco 60 Kg)	132,78
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,34
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	0,98
Boi gordo (Kg vivo)*	4,60

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago oscilaram pouco nesta semana, pelo menos até a quarta-feira (11). O mercado trabalhou na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 12/10, e sob pressão da colheita nos EUA. Todavia, após o anúncio do relatório, o mesmo disparou e o fechamento deste dia 12/10 ficou em US\$ 9,92/bushel, após US\$ 9,68 uma semana atrás.

Na prática, o relatório tem fundamentos baixistas, porém, a especulação de curto prazo esperava números melhores para os estoques finais dos EUA e, adicionando isso ao atraso na colheita devido ao excesso de chuvas naquele país, jogou para cima as cotações neste dia 12/10. Porém, acreditamos que isso poderá não ter sustentação por muito tempo, diante da enorme safra que vem sendo colhida naquele país e da melhoria do clima na América do Sul.

Quanto ao relatório, o mesmo basicamente repetiu os dados de setembro, exceção feita aos estoques finais dos EUA, para 2017/18, os quais foram reduzidos. Seguem suas informações mais relevantes:

- 1) A estimativa de safra 2017/18 para os EUA foi mantida em 120,6 milhões de toneladas, enquanto o mercado esperava 120,8 milhões;
- 2) Os estoques finais dos EUA, para o mesmo ano, ficam agora estimados em 11,7 milhões de toneladas, contra 12,9 milhões em setembro e uma expectativa do mercado de 12,3 milhões;
- 3) Os preços médios ao produtor estadunidense, para 2017/18, permanecem entre US\$ 8,35 e US\$ 10,05/bushel;
- 4) A produção mundial de soja está agora estimada, para o corrente ano comercial, em 347,9 milhões de toneladas, com leve redução sobre setembro;
- 5) Os estoques finais mundiais estão estimados em 96,05 milhões de toneladas, contra 97,5 milhões em setembro;
- 6) A produção futura de soja brasileira e argentina está projetada em 107 e 57 milhões de toneladas, sem mudanças sobre o projetado em setembro;
- 7) As importações chinesas foram mantidas em 95 milhões de toneladas para 2017/18.

Afora isso, pelo lado da colheita nos EUA o mercado está atento ao excesso de chuvas no Meio Oeste estadunidense, fato que vem atrasando a mesma. Ela atingia, até o dia 08/10, a 36% da área, contra 43% na média histórica.

Por sua vez, apesar dos números do relatório, agentes privados (AgResources) continuam apostando que a produtividade média final possa ficar em apenas 53,8 sacos/hectare.

Paralelamente, as exportações de soja por parte dos EUA, no ano 2017/18, se mantiveram firmes, atingindo a 1,02 milhão de toneladas na semana encerrada em 28/09, ficando dentro do esperado pelo mercado.

Todavia, vale o alerta: não se descarta uma venda importante de posições por parte dos Fundos logo adiante, já que os mesmos compraram muito nestas últimas três semanas.

Aqui no Brasil, o câmbio melhorou um pouco, com o Real trabalhando entre R\$ 3,15 e R\$ 3,20, fato que deu alguma sustentação aos preços locais da soja. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 61,08/saco na média, enquanto os lotes ficaram em R\$ 65,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 56,50/saco em Sorriso (MT) e R\$ 68,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 66,00 em Pato Branco (PR), R\$ 60,00 em Chapadão do Sul e São Gabriel (MS), R\$ 60,50 em Goiatuba (GO), R\$ 62,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 63,00/saco em Uruçuí (PI).

Vale destacar que esta repentina alta em Chicago, pós-relatório, em o câmbio se mantendo nos atuais níveis no Brasil, poderá oferecer uma nova janela positiva de comercialização da safra futura, mesmo que breve.

Neste sentido, a comercialização da safra passada no Brasil (2016/17) chegou a 84% do total no dia 09/10, contra 91% na média histórica. O Rio Grande do Sul havia comercializado 65%, contra 83% na média; o Paraná 82%, contra 86%; e o Mato Grosso 91% do total, contra 96% na média histórica. Quanto à nova safra (2017/18) que está agora sendo semeada, as vendas antecipadas no Brasil chegavam a 14% na mesma data, contra 26% na média histórica. O Rio Grande do Sul havia negociado 7% da safra prevista, contra 16% na média; o Paraná 11%, contra 18%; e o Mato Grosso 17%, contra 32% na média. Ou seja, os produtores brasileiros estão relutando em negociar o futuro produto, esperando preços melhores mais próximo da colheita. Esta estratégia deu errada na safra anterior e, a julgar pela realidade de Chicago e do câmbio na atualidade, pode ser muito arriscada novamente para a atual safra.

Até o dia 06/10 o plantio da nova safra de soja no Brasil chegava a 6%, sendo que o Paraná já registrava 20%, o Mato Grosso 5%, o Mato Grosso do Sul 10% e Goiás 3%. Em termos nacionais o plantio está dentro da média histórica, que é de 5% para esta época do ano, não havendo atrasos significativos nas unidades da Federação, o que não confirma as preocupações do mercado quanto aos efeitos negativos da seca que atingiu boa parte do Centro-Oeste, Sudeste, Nordeste e o Paraná. Por sua vez, AgResources indicava um plantio de 10% em 11/10, contra 18% no ano passado nesta mesma época.

Enfim, Safras & Mercado projeta que a nova safra possa atingir a 114,7 milhões de toneladas no país, superando de pouco o recorde do ano anterior. Deste total, o país exportará 65 milhões e processará 42,8 milhões de toneladas. Os estoques finais nacionais, em 31/01/2018 (final do ano comercial atual) subirão para 12,5 milhões de toneladas, contra 8,5 milhões no ano anterior. Lembrando que em 2014/15 nossos estoques finais foram de apenas 271.000 toneladas.

Vale ainda destacar a nossa forte dependência para com a China. Este país asiático comprou, até o momento, 47,7 milhões de toneladas de soja em grão do Brasil em 2017, segundo a Secex, de um total exportado pelo país de 61,2 milhões. Ou seja, a China comprou 78% de todas as nossas exportações de soja.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 21/09/2017 a 12/10/2017.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 21/09/2017 e 12/10/2017 (CBOT)

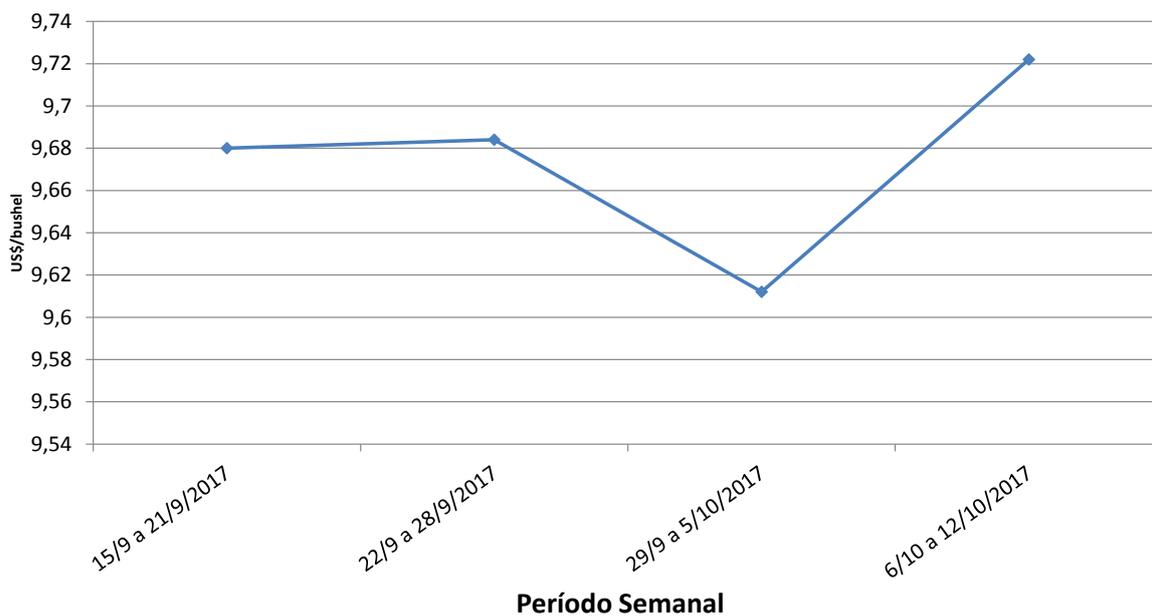
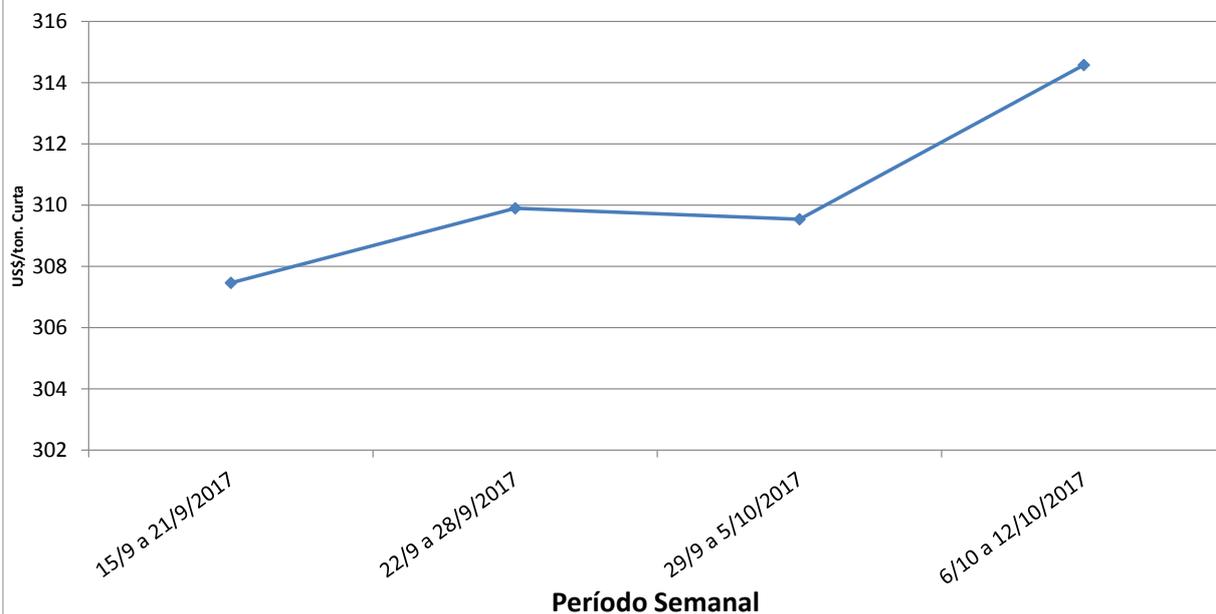
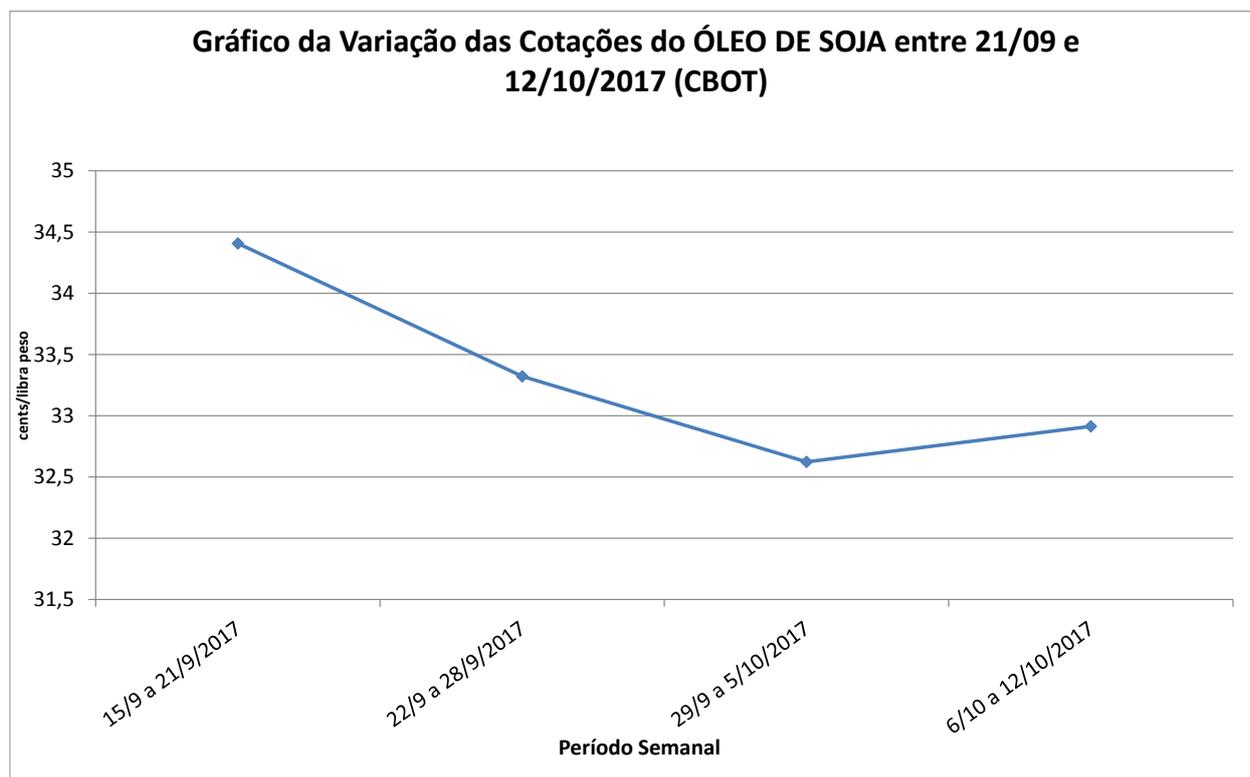


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 21/09 e 12/10/2017 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago cederam um pouco até o dia 11/10, véspera do relatório de oferta e demanda do USDA. Posteriormente, com o anúncio do relatório no dia 12/10, o mercado melhorou levemente, fechando em US\$ 3,49/bushel, ou seja, no mesmo nível da semana anterior.

O referido relatório trouxe os seguintes números:

- 1) Uma produção estadunidense, para 2017/18, em 362,7 milhões de toneladas, contra 360,3 milhões em setembro;
- 2) Estoque final dos EUA em 59,4 milhões de toneladas, sem mudanças expressivas sobre setembro;
- 3) Patamar de preços médios aos produtores estadunidenses mantido entre US\$ 2,80 e US\$ 3,60/bushel;
- 4) Produção mundial de milho projetada, agora, em 1,039 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficariam em 201 milhões de toneladas;
- 5) A produção brasileira e argentina de milho para 2017/18 projetada em 95 e 42 milhões de toneladas respectivamente;
- 6) As exportações brasileiras de milho ficariam em 34 milhões de toneladas.

Dito isso, a colheita do cereal nos EUA chegava a 22%, até o dia 08/10, contra 37% na média histórica, estando atrasada.

Ao mesmo tempo, as exportações continuaram fracas, com o registro de 814.000 toneladas na semana anterior.

Além do relatório do USDA, o elemento central no mercado é o clima na América do Sul, já que há notícias de paralisação de chuvas em regiões do Centro-Oeste brasileiro. Novas chuvas, todavia, estavam previstas a partir deste dia 16/10. Vale destacar que no sul do Brasil as chuvas foram intensas nesta última semana, melhorando as condições de plantio da safra de verão, embora tenham causado novos prejuízos às lavouras de inverno, especialmente no trigo.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB ficou respectivamente em US\$ 148,00 e US\$ 112,50 no encerramento desta semana.

No Brasil, os preços se mantiveram firmes diante de um clima ainda complicado para o plantio da nova safra de verão, a qual já enfrenta redução confirmada de área. Esse quadro ocorre especialmente em São Paulo e Centro-Oeste. Assim, a semana fechou com o balcão gaúcho batendo em R\$ 25,34/saco na média semanal, enquanto os lotes ficaram em R\$ 31,00/saco na maioria das praças gaúchas. Nas demais localidades brasileiras, os lotes oscilaram entre R\$ 16,30/saco em Sapezal, Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 34,00/saco em Itahandu (MG), passando por R\$ 31,50/saco em Videira (SC).

Por sua vez, continua pouca a disposição dos produtores paulistas em vender a safrinha, fato que mantém uma importante diferença de preços em relação ao porto. Este movimento altista ganha força com a confirmação de forte redução na área de verão do Centro-Sul, assim como problemas climáticos em diversas regiões. Aliás, será o clima que definirá, nas próximas semanas, para onde o mercado caminhará em termos de preços.

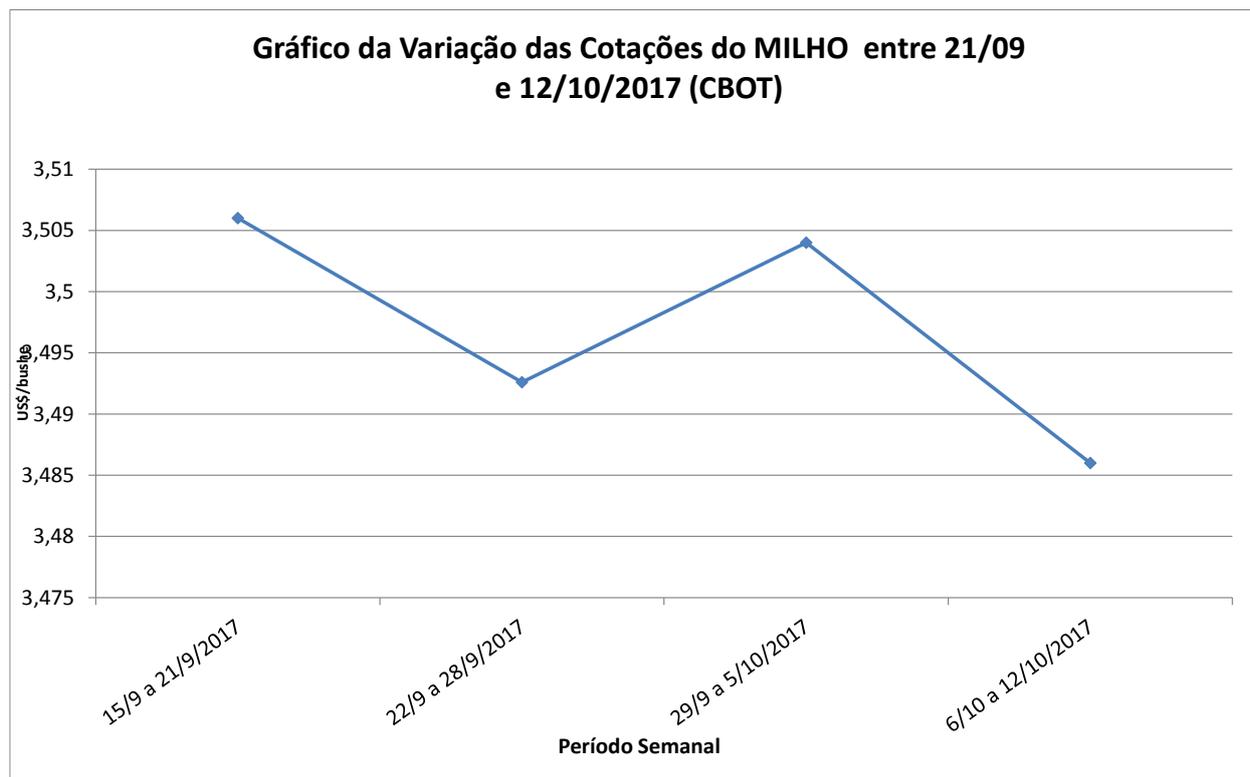
Chama atenção igualmente o fato de alguns consumidores estarem sem estoques, diante de um produtor paulista que busca alcançar R\$ 30,00/saco no interior do Estado. Alguns analistas esperam que a venda de milho tributado de outros Estados possa segurar o movimento de alta (cf. Safras & Mercado).

Apesar deste quadro, e contrariando as expectativas, as exportações não diminuíram, tendo atingido a 1,8 milhão de toneladas nos primeiros 10 dias de outubro, com projeção de chegarem a 5,6 milhões no total do mês. Com isso, os estoques vão sendo enxugados, especialmente se tal movimento se mantiver até janeiro próximo. Por enquanto, esta realidade desfaz as preocupações aqui citadas de que poderia haver forte redução nas vendas externas em função da diferença de preços entre o interior paulista e o porto.

Após o feriadão do dia 12/10, no Brasil, o mercado espera uma melhor definição dos preços, não descartando novas altas se o quadro climático não melhorar como se espera.

Em São Paulo já se projeta que a nova safra entre apenas em fevereiro/março e não em janeiro como tradicionalmente ocorre. Ou seja, o quadro do mercado do milho, que se desenhava tranquilo para o final do ano, se modificou e apresenta um desenho bem mais altista e indefinido neste momento.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 21/09/2017 a 12/10/2017



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago recuaram durante a semana, fechando o dia 12/10 em US\$ 4,30/bushel, contra US\$ 4,40 uma semana antes.

O relatório do USDA, deste dia 12/10, apontou os seguintes números para a safra 2017/18:

- 1) A produção dos EUA ficaria em 47,4 milhões de toneladas, sem grandes mudanças em relação a setembro, porém, bem abaixo das 62,8 milhões de toneladas colhidas no ano anterior;
- 2) Os estoques finais dos EUA somariam 26,1 milhões de toneladas, ficando um pouco melhores do que os anunciados em setembro;
- 3) O patamar de preços médios aos produtores de trigo dos EUA fica entre US\$ 4,40 e US\$ 4,80/bushel;
- 4) A produção mundial de trigo estimada, agora, em 751,2 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais foram aumentados para 268,1 milhões de toneladas;
- 5) A produção brasileira e argentina de trigo está projetada em 5,1 e 17,5 milhões de toneladas;
- 6) As importações brasileiras do cereal ficariam em 7,3 milhões de toneladas.

Dito isso, o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 08/10, atingia a 48% da área, contra 58% na média histórica.

O comportamento negativo de Chicago veio da competição existente com o trigo russo, no mercado externo, assim como de um dólar mais firme, que tira competitividade do trigo estadunidense, além de um clima mais favorável às lavouras do cereal nos EUA. Somou-se a isso a confirmação, pelo USDA, de um aumento na oferta mundial de trigo. Com isso, nem mesmo as boas vendas líquidas dos EUA no mercado externo, durante as últimas semanas, conseguiram dar suporte às cotações.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação ficou entre US\$ 180,00 e US\$ 190,00, sem modificações em relação a semana anterior.

No mercado brasileiro, os preços mantiveram o viés de baixa. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 30,07/saco, enquanto os lotes se estabeleceram em R\$ 33,60/saco. No Paraná o balcão oscilou entre R\$ 33,50 e R\$ 35,00/saco, enquanto os lotes se mantiveram entre R\$ 34,80 e R\$ 36,00/saco. Em Santa Catarina, os preços nominais para o balcão fecharam a semana entre R\$ 33,00 e R\$ 36,00/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 34,80/saco.

Destaque para o avanço da colheita no país, com o Rio Grande do Sul chegando perto de 5% da área, porém, fortemente prejudicado pelas intensas chuvas desta semana. Aliás, o clima não foi positivo para o trigo gaúcho neste ano e as perdas, especialmente em qualidade, deverão ser importantes. As lavouras em maturação, segundo a Emater local, apresentam coloração amarela pouco intensa, com espigas pequenas e baixo potencial produtivo, e as primeiras lavouras colhidas apresentam produtividade abaixo do esperado e um aumento, em relação a anos anteriores, na incidência de lagartas. Sem falar nos constantes temporais que se abatem sobre o Estado neste mês de outubro, com chuvas de granizo em muitas localidades.

Já no Paraná, onde a qualidade das lavouras igualmente está comprometida, a colheita chegava a 77% da área no início desta semana, sendo que as lavouras em más condições diminuíram de percentual, ficando agora em 20% do total a colher. Todavia, igualmente se reduziu o percentual das lavouras em boas condições, o qual caiu para 35%, fato que elevou para 45% as lavouras em condições regulares no Estado paranaense.

Assim, apesar das perdas, os preços não apresentam poder de reação no mercado nacional devido a queda na qualidade geral dos grãos, assim como a uma forte competitividade do trigo mundial, graças especialmente a um câmbio favorável à importação no Brasil, e a uma oferta importante no mercado internacional. Mais adiante, o produto de qualidade superior tenderá a ser valorizado, devido a sua escassez na safra atual. Por outro lado, vale destacar que a melhoria dos preços do milho pode, mesmo que lentamente, dar algum suporte ao trigo de qualidade inferior, o qual seria destinado à ração animal. Entretanto, ainda é muito cedo para se ter uma ideia de quanto isso poderá impactar e se realmente será importante na formação do preço do trigo, já que o quadro no mercado nacional do milho está muito instável.

Enfim, ao final de setembro Safras & Mercado projetava uma produção brasileira de trigo ao redor de 5,3 milhões de toneladas (21% abaixo do realizado no ano anterior), sendo apenas 1,75 milhão no Rio Grande do Sul (-30% sobre 2016/17) e 2,78 milhões de toneladas no Paraná (-18% sobre o ano anterior).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 21/09/2017 a 12/10/2017.

